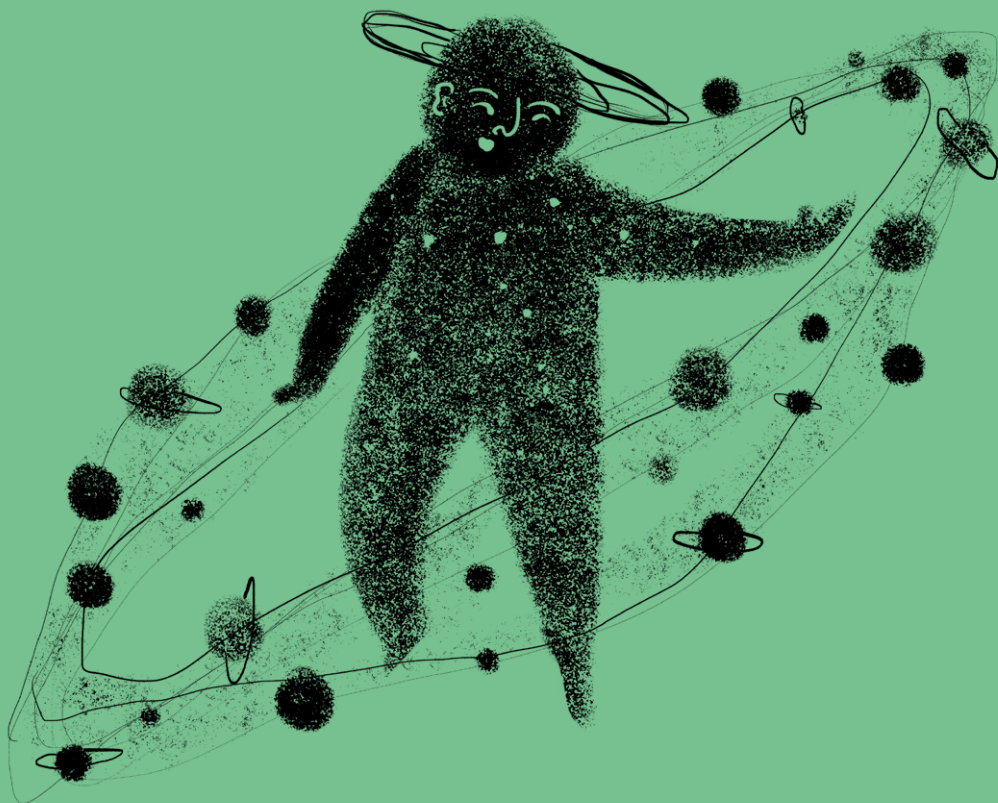


O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ - COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE *ANDROMEDA*
ANDRÓMEDA - SETOR IV

O Setor IV da Constelação de Andrómeda é um pequeno arquipélago, pontuado por intermitências espaço-temporais! O Tempo, neste Setor e como em mais nenhum outro, é o elemento que define a construção das paisagens.

O mais relevante deste Setor é, contudo, a quantidade e intensidade das aspirações daqueles com quem os exploradores se cruzaram...

Foi também pelos registos deste Setor que se pôde descobrir algo mais sobre o próprio Marco Polo e essa outra relação com Fernão de Magalhães. A relação desse Marco Polo que todos os exploradores, em conjunto, personificaram. Ao longo da viagem e para lá, muito para lá, do momento do regresso.

Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os *itálicos* que pontuam os textos.

A ILHA DOS RELÓGIOS

Após dias a navegar, saí do barco e encontrei uma ilha desconhecida que era feita de relógios. Havia muitas espécies de relógios. Uns tinham ponteiros dos segundos, outros ponteiros maiores, dos minutos, e outros maiores ainda, os ponteiros das horas.

Eu percebi que ficava mais quente e mais frio conforme a posição dos ponteiros dos relógios. O maior relógio de todos era o que controlava a ilha e quando os ponteiros se juntavam nas 12h a ilha afundava-se e ficava no fundo do mar durante um ano.

Por sorte também criava uma atmosfera para quem se encontrasse na ilha.

O tempo na ilha passava de uma forma estranha. Enquanto olhava o meu reflexo no mostrador de um relógio reparei que já tinha cabelos brancos. Cada hora correspondia a 1 ano.

Saí logo daquela ilha, pois ainda queria viver muitos anos!

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães

Autores: Afonso Paralta Rodrigues, Constança Ferreira Almeida, David Gouveia Pacheco, Joana Augusto Francisco, Lucas Fernando Santos Loureiro, Lucas Gabriel Oliveira Pereira, Maria Leonor Ferreira Marques, Miguel Cunha Ferreira [Escola Básica da Ribeira, 4.º B (Andrómeda - Setor IV)]

Grafismo e Design: Miolo e Meio

Edição: Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

Depósito Legal:

Impressão: Tipografia Beira Alta

O Projeto-Piloto de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum - Associação para os Museus Municipais - Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival "Mescla", a 07/07/2019.

A Fase 1 de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" inicia-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães.

Viseu. Setembro, 2019.

AS “MINHAS” ILHAS

Fui com a minha embarcação pelo mar fora até que um dia cheguei a uma ilha... não tinha nome, era desabitada. Só havia animais e árvores. Eu próprio dei nome à ilha – “O Meu Mundo”. Naquela ilha os animais eram estranhos, mas bonitos e muito brincalhões.

Havia porcos metade vaca a que chamei Porvaca, cães misturados de leões a que chamei Caleão e muitos outros animais.

Após regressar aos navios da frota, decidi, em conversa com o Nuno (outro dos exploradores), fazer uma nova viagem. Eu e o Nuno navegámos durante dias até descobrimos um arquipélago com 20 ilhas. Atracámos na primeira ilha, que era encantadora e espantosa. Havia animais, árvores e grutas feitas pelo mar.

Além disso a ilha era mágica, porque à noite desaparecia, ia para o fim do mar e no mar transformava-se numa ilha cheia de grutas, nas grutas havia ouro, diamantes e pedras preciosas.

Tenho a certeza que eu e o Nuno, mesmo quando regressarmos a casa, teremos a “nossa” ilha para sempre guardada na memória.

A ILHA ARTÍSTICA

Quando embarquei, estava preparado para uma viagem de longos meses. Passado algum tempo, já no meio do Oceano avistámos ao longe uma ilha, remei até lá.

Quando cheguei à ilha, vi que havia pessoas, mas não eram muitas. Havia muitos animais selvagens de espécies diferentes como o elefante, leão e muitos macacos, mas também havia animais de estimação que estavam à solta, como o cão e o gato e muitos periquitos.

Reparei ainda que não havia prédios nem casa de tijolos, as casas eram feitas de palha e de paus de madeira. Não havia escola. Durante o dia as crianças jogavam futebol ou na areia ou em terra batida.

Decidi perguntar a uma pessoa que me parecia simpática e bem-educada como se chamava a ilha. Ele disse que se chamava a Ilha Artística pois os seus habitantes tinham muito jeito para as artes.

PANEPLO

Quando parti para explorar o território que me tinha sido distribuído, fiquei presa num espaço em que o tempo passava de modo diverso ao que estava habituada e em que parecia que estava no Universo, entre planetas, não entre continentes ou ilhas, como aqui na Terra.

Tudo começou quando, numa das minhas viagens, eu estava a descansar e dei por uma coisa estranha, talvez até doutro universo, uma esfera, não um cubo não... Bem, fosse o que fosse, ia na minha direção e... – Puff

Um buraco, no barco, não era nada bom sinal. À medida que nos íamos afundando, daquela figura geométrica anormal, no meio do Oceano, com o sol bem lá no alto... apareceu uma caravela! Eu, com muita atenção observei com cuidado aquele estranho ser, mas sem nada descobrir.

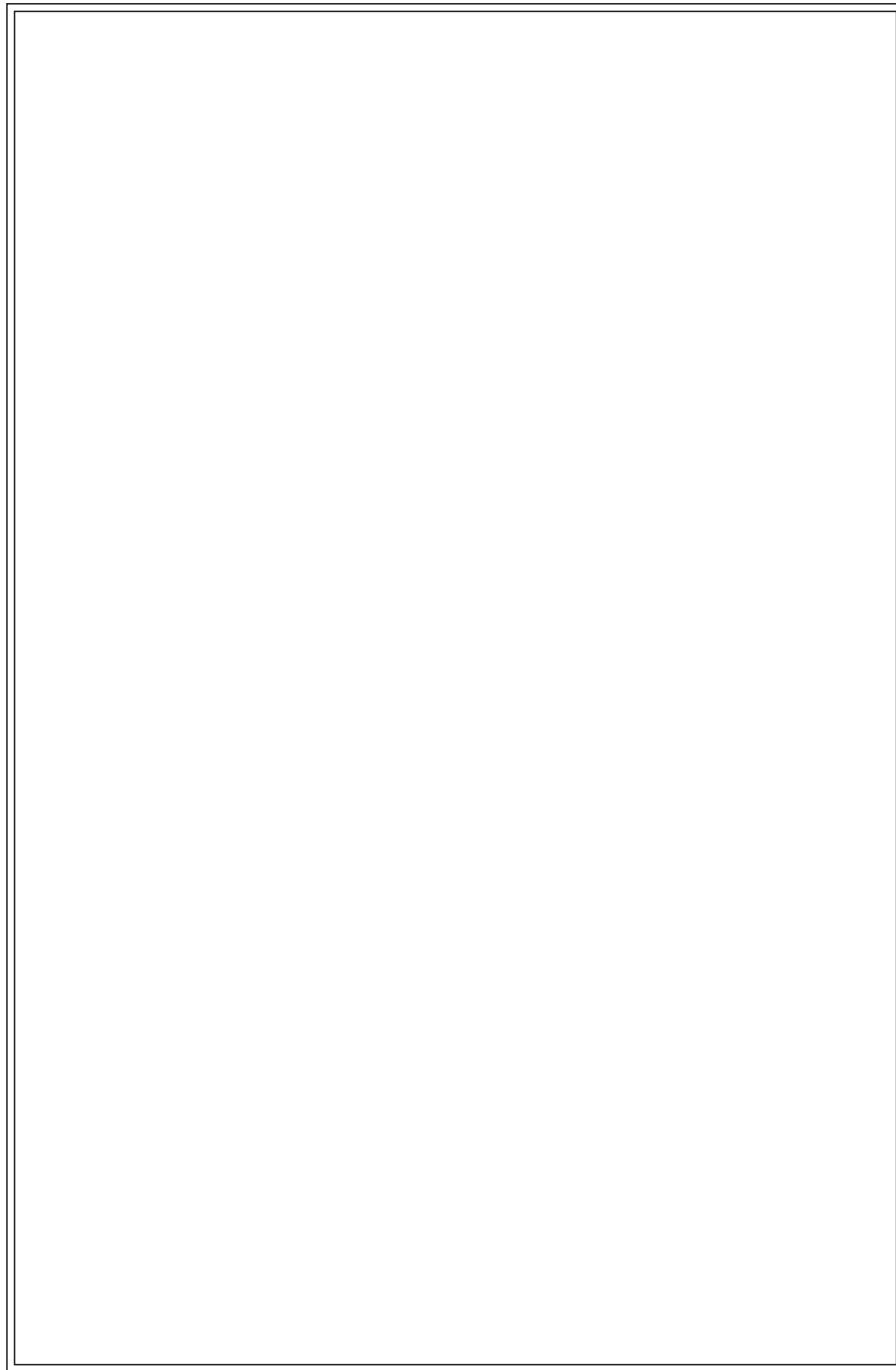
A caravela transportou-me para outro Universo, *sem me dar tempo de reagir.*

Depois de muito tempo, descobri um mundo do tamanho de uma mão, onde mesmo que só por se caminhar, se ficava tonto. Era o Planeta “Dutloide” também conhecido como “Planeplo”.

Neste planeta não havia duas coisas iguais nem sequer sabiam o que eram fábricas. Era tudo feito à mão para não existirem “gémeos”. Eu tentei falar com os habitantes desta terra, mas foi tudo em vão. Eram demasiado pequenos para ouvir a minha voz.

No entanto, lembrei-me de uma recente tecnologia: o ouveómetro. Então fabriquei um “mini” ouveómetro e coloquei-o sobre o Planeplo. Ouvi a voz de uma criatura minúscula e nós, os dois futuros amigos, trocámos palavras durante horas até que tive a ideia de andarmos sempre os dois juntos, cada um ajudando o outro, para não nos perdermos.

E assim aconteceu para o resto da minha vida *até que, sem aviso, fui transportada de volta para a frota da expedição e para junto dos meus companheiros, regressando também ao mesmo momento em que tinha partido.*



TERRANOSSAUROS

Tinha já viajado por todos os Oceanos quando encontrei uma ilha desconhecida. Andei pela ilha toda e só encontrei animais, mas havia um animal que não era igual aos outros. Não sabia o nome dele então chamei-o Pequeno Rastejador, porque era pequeno e rastejava.

Nada mais havia que me mantivesse e segui viagem. Perdi-me dos restantes navios da frota. Fui parar ao interior da Antártida e quando cheguei estava muito frio e nevoeiro, encontrei um lendário Esquimó do Pólo Sul!

Perguntei-lhe se sabia onde ficava o mar. Ele sabia e indicou-me o caminho. Se seguisse sempre em frente, encontraria o mar. Agradei e continuei em frente.

Quando cheguei ao mar vi uma ilha ou um continente não sabia o que era. Aproximei-me. Era um continente com muitos países e muitas pessoas. Perguntei às pessoas como se chamava aquele continente e as pessoas disseram-me que se chamava Terranossauros, porque antigamente havia ali muito dinossauros. Descobri muitas coisas: fosséis, pegadas de dinossauros e restos de ossos que não identifiquei.

Continuei a viagem e cheguei ao grande Oceano. Vi uma ilha habitada. Mas lá as pessoas eram diferentes, eram todos muito inteligentes. Até sabiam calcular $y \times z$ - que eu não sei o que dá. Perguntei-lhes onde ficava a Europa e eles responderam que não sabiam.

Contámos muitas coisas uns aos outros e voltei finalmente a encontrar a frota da expedição imaginando que quando regressasse à Europa seria famoso e muito rico e com o dinheiro podia dar a volta ao mundo (outra vez)!

ANDRÓMEDA. SETOR IV - DAVID GOUVEIA PACHECO

A ILHA DE MARCO POLO

Ia com alguns membros da tripulação numa embarcação rumo a terra, quando, de repente: POOM!!! O barco embateu num “calhau” submerso. Tínhamos chegado a uma ilha. Essa ilha tinha árvores enormes, um vulcão, animais de espécies conhecidas e desconhecidas, e muitas outras coisas. Ainda ninguém tinha estado naquela ilha tanto quanto pudéssemos observar e quando pisámos a areia macia e escaldante soubemos que havia lava debaixo de nós, portanto tínhamos de ter cuidado.

O António, da tripulação, veio comigo e juntos, curiosos, fomos explorar melhor. Vimos animais engraçados, ferozes, lentos, rápidos e aves. Depois voltámos à embarcação para preparar o acampamento. Dormimos naquela ilha

Estava uma bela noite estrelada, mas de repente ouviu-se: PAUU!!! Fui logo a correr para ver o que tinha acontecido, quando cheguei, vi uma arma e uma gazela com a perna cheia de sangue.

De manhã acordei a tripulação para irmos descobrir quem tinha feito aquilo ao pobre animal. Reparei que a ilha afinal tinha habitantes, mandei a tripulação separar-se para os encontrar.

Passado algum tempo encontrámos um homem barbudo, o único habitante da ilha, chamava-se Marco Polo, como o antigo viajante. Vivia naquela ilha já há alguns anos, por opção. Ficámos amigos.

[Quando regresssei ao meu país fiquei famoso e ganhei um prémio pela descoberta, mas nunca contei a ninguém que aquela ilha tinha um habitante.]

ANDRÓMEDA. SETOR IV - AFONSO PARALTA RODRIGUES

ESTRANHOLANDIA - ESPERANÇA

Quando cheguei a uma ilha desabitada comecei a descrever tudo o que via no meu caderno de viagens. As árvores eram do tamanho de uma montanha, as borboletas eram do tamanho de um grão de arroz, as montanhas eram do tamanho de uma árvore, e os animais eram estranhos como um que eu vi que era metade águia e metade gato.

Como este sítio era tão estranho para mim, como o Águigato, chamei-lhe a ilha de Estranholandia.

Enquanto colocava uma placa a dizer Estranholandia no topo da árvore mais alta, ouvi um som que se parecia com bolhas de água a reventar. Fui ver o que era aquele som. Era um vulcão que estava prestes a explodir. Quando o vulcão explodiu eu fui ver o que o rodeava.

Havia várias casas de pedra e de palha! Bati na porta de uma casa e quando a porta se abriu, aprendi que aquela ilha afinal era habitada. Então perguntei à senhora como é que se chamava a terra e ela respondeu que se chamava ilha da Esperança.

Quando embarquei novamente a senhora disse-me para falar daquela ilha às pessoas que procuram um lugar estranho, com muitas plantas e um vulcão. Talvez assim quissem ir viver para a Ilha da Esperança.

ANDRÓMEDA. SETOR IV - CONSTANÇA FERREIRA ALMEIDA

AS ANIVERSÁRIAS E A POLAR

Enquanto os dias no navio se passavam, recordava-me de como tinha começado esta viagem. Desde que o carteiro me informou da nomeação, pelo próprio Fernão de Magalhães, para com ele explorar o mundo. Começou no “Dia dos Marujos e Presuntos Salgados” (que é como quem diz 20 de setembro) Nem todos aceitaram bem a minha decisão de partir com o Fernão de Magalhães – em particular a pequena Fantina, que não me teria em casa no seu aniversário.

Navegámos e descobrimos novos territórios. O primeiro foi o arquipélago das Ilhas Aniversárias, assim nomeado como presente à pequena Fantina (a piratinha).

O mar das Ilhas Aniversárias tem tantas manchas como um dálmata. Tem uma rocha enorme, que ultrapassa as nuvens. Toda a ilha é verde, tão verde que qualquer vaca dos Açores ia ficar impressionada. Os primeiros homens a pisar esta ilha, fomos eu e o Fernão de Magalhães. Começámos por recolher vários tipos de rochas, areia e água. Acampámos numa das grutas que havia e permanecemos na ilha durante cem dias.

Prosseguindo viagem, descobrimos a Ilha Polar. Não era uma ilha igual às outras, era muito fria. A neve que caía era tão fofa que um dos nossos marinheiros provou-a para ver se era algodão doce. Fernão de Magalhães ordenou que a recolha da neve e de penas de pinguim fosse feita rapidamente pois estava muito frio...

{Quando regresssei a casa, escrevi vários livros sobre as minhas viagens e mais tarde a minha piratinha vendeu os meus livros a uma editora famosa. No prefácio de um dos livros, a Fantina escreveu:

*“Em memória de Marco Polo.
Foi um mercador, viajante e explorador,
Que viveu várias aventuras,
Entre a Europa e a Ásia,
Mas a sua maior conquista,
Foi o amor da piratinha.”}*

ANDRÓMEDA. SETOR IV - JOANA AUGUSTO FRANCISCO

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ORIGINALMENTE DESENVOLVIDA E APRESENTADA
NO ÂMBITO DO FESTIVAL MESCLA, COM O APOIO DO MUNICÍPIO DE VISEU